

Questão 69

**Soneto do falso
Fernando Pessoa**

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo*,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

Carlos Drummond de Andrade.

Claro Enigma.

Ulisses

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

Fernando Pessoa. Mensagem.

O oxímoro é uma “figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão” (HOUAISS, 2001). No poema “Soneto do falso Fernando Pessoa”, o emprego dessa figura de linguagem ocorre em:

- (A) “Onde morri, existo” (L. 2).
- (B) “E das peles que visto / muitas há que não vi” (L. 3-4).
- (C) “Desisto / de tudo quanto é misto / e que odiei ou senti” (L. 6-8).
- (D) “à deusa que se ri / deste nosso oaristo” (L. 10-11).
- (E) “mas não sou eu, nem isto” (L. 14).

ALTERNATIVA A

O oxímoro é a figura de pensamento em que se revela um paradoxo, uma fusão de elementos opostos que produz um sentido incoerente, contraditório, o que se expressa no verso “Onde morri, existo”.